

# ***IMPACTOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES DE LIBRAS NO PERÍODO DA PANDEMIA SARS-COV2 (COVID-19) (2020 – 2022)***

**Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins<sup>1</sup>  
Mylene Cristina Santiago<sup>2</sup>**

## **Resumo em Libras**



## **Resumo**

O ensino remoto emergencial foi uma medida adotada durante o período de pandemia, que impôs o distanciamento social e a consequente suspensão das aulas presenciais em instituições de educação básica e de ensino superior. Como foi o processo de formação docente durante esse período, especialmente no que tange ao ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras)? Para responder essa pergunta, buscamos apresentar um recorte sobre a formação de professoras/es de Libras no período de março de 2020 a maio de 2022. Produzimos dados a partir de um formulário on-line (Google Forms) encaminhado via aplicativo WhatsApp (link) para estudantes, com o propósito de conhecer os desafios e possibilidades do ensino de Libras, no formato virtual, durante o período de suspensão das aulas presenciais. Nosso referencial teórico se constitui a partir de estudos que buscam discutir a problemática do ensino de libras durante o período de ensino remoto emergencial (SANTOS; FORNECK, 2022; DAMASCENO; MEDEIROS, RAMALHO, 2020; SHIMAZAKI; MENEGASSI; FELLINI, 2020; LOPES; BEZERRA, 2021). Os resultados sugerem que houve pontos positivos e negativos em

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora

relação ao ERE, no que tange aos recursos didáticos metodológicos e acessibilidade voltados para o processo de ensino e aprendizagem de Libras.

### **Palavras-chave:**

Ensino Remoto Emergencial. Língua Brasileira de Sinais. Formação Docente.

Recebido em: 30/01/2023

Aprovado em: 17/06/2023

### **Abstract**

Emergency remote teaching was a measure adopted during the pandemic period, which imposed social distancing and the consequent suspension of face-to-face classes in basic education and higher education institutions. How was the teacher training process during this period, especially with regard to teaching Brazilian Sign Language (Libras)? To answer this question, we sought to present an excerpt on the training of Libras teachers from March 2020 to May 2022. We produced data from an online form (Google Forms) sent via the WhatsApp application (link) for students, with the purpose of learning about the challenges and possibilities of teaching Libras, in the virtual format, during the period of suspension of face-to-face classes. Our theoretical framework is based on studies that seek to discuss the problem of teaching Libras during the emergency remote teaching period (SANTOS; FORNECK, 2022; DAMASCENO; MEDEIROS, RAMALHO, 2020; SHIMAZAKI; MENEGASSI; FELLINI, 2020; LOPES; BEZERRA, 2021). The results suggest that there were positive and negative points in relation to the ERE, regarding methodological didactic resources and accessibility aimed at the teaching and learning process of Libras.

### **Key-words**

Emergency Remote Teaching. Brazilian Sign Language. Teaching Training.

## Introdução

A pandemia do Sars–Cov2 (COVID-19), que impôs distanciamento social e suspensão das aulas presenciais, trouxe uma série de mudanças que, afetaram, diretamente as ações docentes em todos os níveis educacionais, como por exemplo, o uso das Novas Tecnologias Educacionais (NTE). Cada instituição, pública ou privada, precisou criar mecanismos para oferta do Ensino Remoto Emergencial (ERE) e se adaptar a essa nova realidade, buscando oferecer, dentro do possível, uma educação de qualidade. Computadores, *tablets* e *smartphones* foram objetos, ou melhor, recursos que estavam à disposição de grande parte da população e utilizados como forma de acesso aos conteúdos curriculares e às aulas.

Durante o período do ERE, percebemos a necessidade de oferecer e repensar processos formativos voltados para o ensino de Libras para professoras/es da educação básica. Nosso objetivo é apresentar um recorte sobre a formação de professoras/es de Libras no período de março de 2020 a maio de 2022.

Para atingir tal objetivo produzimos um formulário on-line (*Google Forms*) e encaminhamos via aplicativo *WhatsApp* (*link*) para estudantes, com o propósito de conhecer os desafios enfrentados por esse público e sua percepção quanto às possibilidades de ensino de Libras, no formato virtual, durante o período de suspensão das aulas presenciais.

O presente artigo está estruturado em três seções, fundamentando-se em autores que investigaram a temática do ensino de Libras durante o período remoto emergencial (ARAÚJO; FREITAS; LIMA, 2022; SANTOS; FORNECK, 2022; DAMASCENO; MEDEIROS, RAMALHO, 2020; SHIMAZAKI; MENEGASSI; FELLINI, 2020; LOPES; BEZERRA, 2021; MORAIS et al, 2022). Na primeira seção, buscamos refletir sobre o processo de formação de docentes para o ensino aprendizagem da Libras. Na segunda seção, discutimos a formação docente em tempos de distanciamento social, apresentando a opinião de discentes ouvintes do curso de Letras Libras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) que tiveram seu percurso acadêmico atravessado pela pandemia da COVID-19 e participaram do processo denominado de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Nas considerações finais, trazemos nossas impressões e resultados desse trabalho.

## Formação docente para o ensino aprendizagem da Libras

A formação de professoras/es é uma complexa rede que envolve atores, ações e instituições que contribuem para compreender e problematizar questões sociais, culturais, filosóficas e políticas no que tange ao ensino de Libras, foco de nosso estudo. O percurso formativo do licenciando não envolve estritamente aspectos educacionais, pois os currículos, métodos, práticas, avaliações, seminários, provas, estágios, pesquisas entre tantas outras atividades, implicam uma diversidade de interações, saberes e fazeres que vão moldando e dando contorno ao percurso do/a professor/a em formação, que cada vez mais precisa estar aberto a novas experiências e desafios cotidianos.

O paradigma da Educação Inclusiva, vigente em nosso país, amplia os desafios docentes. Atualmente o/a professor/a se depara com grande diversidade de estudantes que carregam consigo múltiplas histórias, experiências, religiões, etnias, gêneros, classes sociais, deficiências, entre tantas outras características e identidades que o desafiarão a explorar as inúmeras possibilidades de ensino que surgirão a partir da multiplicidade de identidades existentes no contexto de cada turma. Nesta perspectiva a/o docente precisa considerar e reconhecer as potencialidades de cada discente promovendo um espaço onde os saberes são valorizados, tendo em vista a construção de um currículo apropriado e sensível às diferenças culturais existentes.

Com intuito de enfrentar essa nova realidade é fato que:

Os professores são, atualmente, chamados a dominar e a ensinar um conjunto de conhecimentos e matérias que acompanham a complexidade da informação e conhecimento que caracterizam as sociedades contemporâneas. As escolas tornaram-se verdadeiros fóruns em que, à semelhança do que se passa na sociedade, multiplicam-se e entrecruzam-se conhecimentos. As escolas desenvolvem múltiplos projetos (ex: cidadania europeia, prevenção rodoviária, estilos de vida ativos, educação sexual etc.) que são acrescentados ao já dilatado currículo formal. Trata-se, sem dúvida, de uma enorme solicitação aos professores que levou Ben Peretz (2001) a considerar que ser professor é uma “missão impossível” devido à complexidade de capacidades, ações e conhecimentos que o professor necessita dominar na sua profissão (RODRIGUES; LIMA-RODRIGUES, 2011, p. 44/45).

Parafraseando os autores Rodrigues e Lima-Rodrigues (2011) a docência é praticamente uma missão impossível por conta das complexidades e os desafios impostos pelas diferenças e pelas necessidades que esse novo público, escola e sociedade demandam. Consideramos que essa “missão impossível” se torna ainda mais

desafiadora quando – dentro de uma mesma escola, dentro de uma mesma sala – há alunos que se comunicam, percebem e interagem com o mundo através de línguas diferentes. Particularmente falando de escolas e salas onde há a presença de alunos surdos que usam a Língua Brasileira de Sinais, Libras.

Como resultado das lutas dos Movimentos de Pessoas Surdas em busca de reconhecimento da Libras, de sua cultura, de sua forma de ser e estar no mundo, de seu direito de aprender na e pela Língua de Sinais, em 2002 tivemos a aprovação da Lei nº 10.436 (BRASIL, 2002), mais conhecida como a Lei de Libras, que reconhece a Libras como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira. Posteriormente, em 2005, foi aprovado o Decreto Lei 5.626 (BRASIL, 2005), que regulamenta a Lei de Libras e dá outras providências. Este documento detalha inúmeras questões sobre a acessibilidade, a Libras, educação, saúde etc. para a comunidade surda.

No Capítulo III, do referido Decreto, que trata da Formação do Professor de Libras e Instrutor de Libras, há destaque para a formação docente voltada para o ensino da Língua Brasileira de Sinais:

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras Libras ou em Letras: Libras / Língua Portuguesa como segunda língua. (BRASIL, 2005).

O artigo 4º do Decreto 5.626 determina que essa formação se dê em nível superior, mas de acordo com Strobel (2008, p. 102), “são poucos os professores que são habilitados para trabalhar com os alunos com surdez em sala de aula”. Martins (2022, p. 38) afirma que “a formação de professoras/es para atuar na educação de e para surdos requer uma sensibilidade capaz de detectar a realidade desse aluno, para que se possam conduzir os conteúdos escolares de maneira a significá-lo para a criança”. Podemos afirmar que essa sensibilidade é adquirida através de dedicação aos estudos e acima de tudo no convívio com a comunidade surda. Essa convivência nos fornece pistas e elementos que nos proporcionam uma compreensão melhor do universo surdo e conseqüentemente potencializam a prática docente.

Segundo Gonçalves *et al.* (2019, p. 601) “é importantíssimo no processo de ensino-aprendizagem de línguas a imersão em ambientes de uso da língua. A aprendizagem da Libras está ancorada na modalidade visual e sua compreensão exige

atenção visual extrema dos ouvintes. A autora acrescenta que a experiência em visitar e frequentar comunidades surdas, conviver com os sujeitos com surdez em situações formais e informais, pesquisar e estudar são elementos que favorecem o aprendizado da Libras por ouvintes.

Ressaltamos que a convivência entre pessoas surdas e ouvintes vai além do aprendizado da Libras, uma sociedade e escola em processo legítimo de inclusão, precisa considerar a convivência como princípio crucial para as transformações desejadas rumo à eliminação de barreiras de acessibilidade, sobretudo, atitudinais, que, por sua vez, resultarão na eliminação de situações excludentes, caracterizadas pelo capacitismo<sup>3</sup> existente em nossas relações sociais, que historicamente tem se configurado como prática de opressão e discriminação de pessoas com deficiência.

Através da convivência é possível compreender que inclusão é via de mão dupla, ou seja, temos muito a aprender e ensinar ao adentrar em universos linguísticos e culturais distintos daqueles que habitualmente estamos inseridos. Conviver e aprender Libras com a comunidade surda, implica ocupar novos posicionamentos e assumir que é tempo de aprender com o OUTRO, com aquele que historicamente foi reconhecido como o diferente e excluído dos espaços e saberes escolares.

## **Formação em tempos de isolamento social**

Entre março de 2020 e maio de 2022 o sistema educacional nacional sofreu uma transformação. As aulas deixaram de ser presenciais e passaram a ocorrer de forma remota, algumas vezes de maneira síncrona, ao vivo, e outras de maneira assíncrona, gravadas. A sala de aula se tornou virtual, a lousa foi substituída pelas apresentações de *slides*, as atividades adaptadas para questionários e/ou outras ferramentas que possibilitassem aferir, quantitativamente, como processar o conhecimento em espaços não presenciais. As ferramentas digitais foram exponencialmente usadas e as Novas Tecnologias Educacionais (NTE) tornaram-se ferramentas a serem exploradas por estudantes e docentes.

---

<sup>3</sup> Discriminação e preconceito direcionados a pessoas com deficiência (PcD), podem se efetivar através do discurso de que essas pessoas são anormais ou incapazes, em comparação com o que é social e estruturalmente considerado perfeito. (<https://www.dicio.com.br/>)

Nesse contexto, a Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) pausou as atividades na segunda quinzena do mês de março e retornou oficialmente, com o calendário acadêmico, em 21 de setembro de 2020, ou seja, seis meses depois. Em matéria divulgada no site oficial da instituição<sup>4</sup>, cerca de 18 mil estudantes retornavam para a “sala de aula” e um total de 2.560 disciplinas dos 72 cursos estavam sendo ofertadas na modalidade de Ensino Remoto Emergencial (ERE). Ainda de acordo com a reportagem, esse número de disciplinas ofertadas corresponde a mais de 60% do total, uma vez que, as que precisam realmente acontecer de forma presencial, como as práticas laboratoriais, por exemplo, estavam suspensas.

A Libras é uma língua de modalidade viso-espacial e que a presencialidade, corpo a corpo, e a visualidade são características marcantes para que novos aprendizes possam se desenvolver e adquirir fluência e proficiência, além do contato, frequente, com pessoas com surdez e ouvintes sinalizantes. Essa nova configuração social (isolamento) e educacional (remoto) trouxe barreiras e dificuldades para que estes aprendizes pudessem ter contato com a língua e explorar as suas possibilidades de uso.

Vários estudos e relatos de experiência pautando o ensino de Libras no processo de formação docente foram desenvolvidos. Santos e Forneck (2022, p.80) consideram que

O aprendizado por resolução de problemas pode ser uma forma de promover um ensino de maior qualidade, mesmo sendo a distância, no qual há mais limitações na interação entre professoras/es e alunos, bem como uma possibilidade otimizar o tempo relativamente escasso para a realização de atividades principalmente quando se trata de Libras.

Apesar de apontarem a insuficiência da carga horária do componente curricular Libras nos cursos de Licenciatura, que reduz de forma relevante o tempo de exposição ao idioma, impedindo que as/os professoras/es em formação interajam com um conhecimento prático sobre a Libras e sobre a prática docente para o ensino de pessoas com surdez. Santos e Forneck (2022, p.89) destacam que

Mesmo diante de um momento conturbado de pandemia e do ensino remoto emergencial, os professores em formação conseguiram se adaptar ao novo modelo de ensino. A grande maioria dos professores em formação afirmou que a Metodologia da Problematização foi bastante interessante, pois os auxiliou a ter um maior envolvimento no processo de aprendizagem. Um dos aspectos que consideraram mais relevante foi obter uma visão mais ampla sobre a

---

<sup>4</sup><https://www2.ufjf.br/noticias/2020/09/21/mais-de-18-mil-alunos-iniciam-ensino-remoto-emergencial/>

surdez e perceber a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos, tornando o aprendizado mais relevante para sua prática.

Damasceno; Medeiros, Ramalho (2020) ao relatarem as experiências vivenciadas nas práticas desenvolvidas no período de regência do Estágio Supervisionado de Formação de Professoras/es para o Ensino Médio (Libras) da Universidade Federal do Rio Grande (UFRN), destacam que o contato com a escola e a turma foram apenas de forma remota e que houve necessidade de adequar o plano de estágio às necessidades, interesses e sugestões da turma. Durante as aulas síncronas os discentes tiveram oportunidade de desenvolver sua comunicação em Libras, no entanto, o sinal da internet foi apontado como barreira para o entendimento da sinalização em Libras.

O relato de experiência de Lopes; Bezerra (2021) tem como objetivo apresentar os trabalhos desenvolvidos no ensino de Libras como segunda língua para alunos ouvintes pela empresa Moreno Libras, de São Luís (MA). De forma crítica os autores salientam que

Durante a pandemia, onde os cursos on-line se tornaram a única opção para muitos alunos na maioria das situações, o uso inadequado de ferramentas pode levar ao insucesso do aprendizado ou a uma formação ineficiente e incompleta de profissionais ou mesmo de usuários da língua de sinais. É preciso, sim, respeitar a realidade e os aspectos envolvidos no caminho de aprendizagem, mas, mais do que isso, é necessário rever conceitos, metodologias e materiais a Educação bilíngue língua portuguesa/Libras: letramento, identidade e redes sociais serem empregados, pois, mesmo boas estratégias podem se tornar prejudiciais quando são mal aplicadas. A EAD aproximou muitos estudantes durante os últimos dois anos e oportunizou o acesso ao conhecimento em situações muito variadas. Entretanto, é necessário se perguntar quais desafios enfrentamos e quais as formas de resolvê-los, uma vez que, falar sobre ensino de Libras abrange questões que vão além do tradicional ensino de línguas e, em tempos pandêmicos, é de fundamental importância que se repense o ensino e a aprendizagem de uma língua tão específica. (LOPES; BEZERRA, 2021, p.167-168).

Os estudos e relatos ilustram situações que apontam possibilidades e desafios durante o período de ERE, imposto pela crise pandêmica. Diante desse cenário, para conhecer como foi a vivência desse processo, em nosso contexto, buscamos junto aos discentes do curso de Letras Libras da UFJF saber quais os impactos experimentados por eles durante o período. Ainda nos primeiros dias de janeiro de 2023, encaminhamos um questionário através de um formulário *on-line* (*Google Forms*), via aplicativo *whatsapp* (*link*) para alguns discentes do curso, para que que respondessem e enviassem para outros colegas de curso. Concomitantemente a isso, aproveitando o

contato diário que um dos autores possui com os alunos, houve troca de informações a fim de entender, compreender e complementar aquilo que foi respondido nos questionários.

O questionário foi organizado com perguntas abertas e fechadas, objetivando conhecer a percepção dos estudantes matriculados na disciplina de Libras durante o ERE. A pesquisa foi anônima a fim de preservar a identidade dos alunos e evitar quaisquer constrangimentos que pudessem ocorrer. Dessa forma iremos, nesta seção, referenciar cada participante da pesquisa com a palavra “Entrevistado 01”, “Entrevistado 02” e assim por diante. No total obtivemos 12 participações (Entrevistado 01 ao Entrevistado 12) no formulário *Google Forms*.

A primeira informação a ser destacada é referente ao ano de ingresso no curso de Letras Libras. De acordo com a tabela abaixo, 66,7% dos participantes já haviam participado de aulas presenciais na Faculdade de Letras. Isso significa que, provavelmente, estes discentes já tiveram contato com a Língua Brasileira de Sinais nas disciplinas de ensino de Libras.

**Tabela 01 – Ano de ingresso**

<b>Ano</b>	<b>Quantidade de participantes</b>
2016	3
2017	1
2018	0
2019	4
2020	3
2021	1

Fonte: arquivo dos autores / 2023

De acordo com o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de 2014 a 2020-15 e após a reforma deste documento, válida a partir de 2020-26, a licenciatura em Letras Libras possui 6 disciplinas de Libras. Segundo o PPC, cada disciplina dessa é composta por uma carga horária de 90h, sendo divididas em 60h de maneira presencial e 30h a serem realizadas extraclasse. São disciplinas que buscam ensinar a Libras para os

<sup>5</sup> <https://www.ufjf.br/letraslibras/disciplinas-2/>

<sup>6</sup> <https://www.ufjf.br/letraslibras/files/2016/04/PPC-Reforma-Licenciatura-Letras-Libras-26-08-2020.pdf>

ingressantes que não possuem domínio da língua, uma vez que, não há exigência de proficiência da Língua Brasileira de Sinais no ingresso.

Durante o período em que a UFJF se manteve em regime de Ensino Remoto Emergencial, as disciplinas de Libras (I ao VI) foram ofertadas normalmente, mas com flexibilizações temporárias no que se refere ao cancelamento de matrícula em atividades acadêmicas curriculares, sem a exigência de manutenção de matrícula em um número mínimo de carga horária, conforme a Resolução nº 33/2020 do Conselho Universitário da UFJF, que regulamentou a realização de Ensino Remoto Emergencial (ERE) nos cursos de graduação presencial da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em caráter excepcional.

Entre os aspectos que chamaram a atenção destacamos a quantidade de disciplinas cursadas nesse período. A maioria dos entrevistados (58,3%) cursaram entre 1 e 3 disciplinas por semestre, enquanto os demais (41,7%) cursaram entre 4 e 6 disciplinas. Quando perguntados se esta quantidade de disciplinas era satisfatória, em termos de participação e aprendizagem, 66,7% disseram que sim e 33,3% disseram que não. Apesar de a maioria estar satisfeita com a quantidade de disciplinas cursadas, foi possível identificar que 58,3% dos entrevistados precisaram trancar pelo menos 1 disciplina por semestre, visto a Resolução nº 33/2020 previa essa possibilidade.

Os motivos que levaram os discentes a trancarem são os mais variados possíveis. De acordo com o Entrevistado 03 “motivos de saúde me levaram a trancar algumas disciplinas”, assim como o Entrevistado 05 que alegou “adoecimento de pessoa da família”. Três entrevistados (01, 06 e 09 respectivamente) apresentaram a falta de “adaptação” como motivo de trancamento: “Desisti porque não me adaptei à metodologia do professor”, “não adaptação ao ensino remoto” e “dificuldade de acompanhar as aulas por ficar o dia todo no computador”. Se faz mister destacar que a UFJF ofereceu todo o suporte necessário para discentes, docentes e técnicos no que se refere ao uso das plataformas digitais adotadas pela universidade, como por exemplo a criação de um site sobre o ERE<sup>7</sup> onde constam vários tutoriais sobre as ferramentas utilizadas pela instituição.

Sobre a adequação das metodologias Santos *et al.* (2015, p. 206) nos apresenta o seguinte argumento:

---

<sup>7</sup> <https://www2.ufjf.br/ensinoremotoemergencial/>

Ao professor, portanto, cabem as mesmas funções de atuação em uma sala de aula presencial, porém com atenção voltada para o fato de que são necessárias mais orientações para que o aluno possa acompanhar o ensino de forma adequada. É preciso flexibilidade, organização e planejamento para ensinar em um ambiente virtual, considerando que todos os materiais e conteúdos disponibilizados devem ter o máximo de clareza possível para permitir o acesso e compreensão por parte do aluno.

Uma das ferramentas mais utilizadas na UFJF foi o *Google Classroom*. Nela todos os discentes, docentes, bolsistas, monitores, tradutores intérpretes de Libras / Língua Portuguesa, entre outros envolvidos nas disciplinas, tinham acesso aos materiais disponibilizados pelas/os professoras/es, assim como locais para postarem atividades, avisos e fóruns de interação e outras demandas. Dessa forma, institucionalmente, a universidade contribuiu para que todos/as pudessem ter acesso aos conteúdos e às aulas (assíncronas e síncronas), mas é de responsabilidade dos docentes conduzirem suas aulas de maneira a atender as especificidades dos alunos e das turmas.

Quando questionados sobre se as aulas no período remoto atenderam às suas expectativas de aprendizagem, 58,3% disseram que não. Percebemos essa negativa na resposta do Entrevistado 08: “não tem a mesma qualidade e acessibilidade que no presencial”. O Entrevistado 04 aponta que: “Foi satisfatório. A única ressalva que faço é em relação ao método de um docente que só postava vídeos na plataforma e nunca termos tido um encontro síncrono para sanar dúvidas”. O Entrevistado 09 alega que: “foi bem sacrificante tanto para os alunos quanto para os professores”. A expressão sacrificante chama a atenção, sendo esclarecida por Santos et al. (2015, p. 205) ao explicar que “por ser uma modalidade de ensino relativamente nova, são inúmeros os desafios para os profissionais, que não estão apropriadamente preparados para assumir novas funções pedagógicas [...]”. Apesar de estar discorrendo sobre a modalidade de educação à distância (EaD), é possível verificar que houve uma mudança repentina de cenário e que o tempo de preparo para assumir essa nova sala de aula foi insuficiente.

Após um breve panorama das opiniões dos discentes sobre o ensino remoto, por uma questão de espaço e para que se possa tornar o texto menos cansativo possível, selecionamos alguns pontos em relação ao ERE, no que tange ao ensino e aprendizagem da Libras, conforme destacamos nos excertos que seguem:

“Nenhum contato com os surdos” (Entrevistado 05)

“Nós ouvintes, perdemos muito com o ERE na evolução da sinalização, porque nós sabemos o quanto é importante o contato com o nativo da Libras, no caso os surdos. Mas, no ERE não tivemos a oportunidade desse contato com os surdos, então perdemos muitas oportunidades de interagir e, conseqüentemente, não evoluímos como deveríamos na língua de sinais” (Entrevistado 10)

“Acredito que, em casos de ouvintes que não tem contato com os Surdos, como eu, a prática da Libras foi prejudicada” (Entrevistado 08)

“O ERE prejudicou o aprendizado dos alunos ouvintes, visto que as aulas foram um “tampar o sol com a peneira” (Entrevistado 07)

“Sim (houve prejuízo no aprendizado) devido ao pouco processo de troca no sentido de contato com os usuários da Libras e os ouvintes mais fluentes”. (Entrevistado 01)

“Acredito que justamente a falta de contato pessoalmente com alunos surdos pode ter sido um impacto prejudicial. Pois muitos colegas de curso, só tem contato com a língua em âmbito acadêmico presencial. No ERE, a interação era mais centrada na presença do professor e no bate-papo eram poucas as interações com os colegas ... No âmbito presencial, geralmente temos um contato para além da sala de aula, seja nos corredores, cantina ... (Entrevistado 02)

Entre os principais prejuízos, destacamos a ausência de interação e contato com pessoas com surdez e colegas mais fluentes na Libras. Tais respostas corroboram com o que Strobel (2008) defende sobre a importância do contato frequente com a comunidade surda, para além do aprendizado da Libras na academia ou em cursos livres. Vale destacar que no PPC do curso de Letras Libras, as disciplinas de Libras (I ao VI) cujas atividades extraclasse são, de certa forma, voltadas para incentivar esse contato com a língua de sinais fora da universidade, não teve condições de serem desenvolvidas. Como sabemos, a língua é viva e ela se faz presente na relação com o outro, caso não haja interlocutores, o aprendizado dessa segunda língua fica deficitário, prejudicado.

Por outro lado, alguns estudantes relataram que o período pandêmico proporcionou outras possibilidades, através de cursos e outras interações no ambiente de aprendizagem virtual:

“Com relação ao aprendizado da Libras nesse período, pude me aprofundar um pouco mais na língua não somente através das disciplinas, mas também na prática adquirindo mais fluência” (Entrevistado 12)

“Como sou uma pessoa dedicada, dentro do que foi disponibilizado nas disciplinas, tive um desempenho satisfatório”. (Entrevistado 06)

“Foi uma oportunidade incrível dos ouvintes terem acesso à língua de sinais não só na UFJF, mas em outras instituições também”. (Entrevistado 11)

Tais respostas evidenciam que alguns discentes encontraram no ERE possibilidades de se aprofundarem no aprendizado e conhecimento da Libras. Acredito que isso aconteceu através de bate-papo nas aulas síncronas, assistindo a vídeos no *YouTube*, participando de *Lives* dos mais diversos locais e instituições do país e até através da participação de eventos regionais, nacionais e internacionais que aproximaram docentes, discentes e pesquisadores de todo o mundo. Segundo Arieira (*et al.*, 2009, p. 322 *apud* SANTOS *et al.*, 2015, p. 206):

O papel da EAD é tornar mais fácil o acesso do aluno à informação, tornando-o mais proativo na busca de seus caminhos. Essa proatividade é uma marca da educação contemporânea, na qual o aluno repositório de informações e conteúdos não tem mais seu lugar na sociedade. Cada aluno é um agente de sua própria formação e deve criar, dentro de certos limites, seu próprio perfil de aprendizagem.

Percebemos na citação acima que a autonomia e a proatividade são características dos alunos que estudam na modalidade EAD, entretanto o ERE não foi estruturado nos parâmetros desta modalidade, em virtude de seu caráter emergencial e da ausência de formação de professores/as. Ao mencionar o Ambiente Virtual de Ensino Aprendizagem (AVEA) no curso de Letras Libras, Barbosa e Cerny (2010) esclarecem que o ambiente se trata de um sistema que disponibiliza diversas ferramentas de comunicação e interação, de modo a promover a aprendizagem, como um processo de ensino sistemático, organizado, intencional e com caráter formal.

O AVEA do curso Letras-Libras é um espaço organizado com diversas ferramentas de comunicação e informação digital, no modo hipermídia, que possibilitam dois tipos de interação: a) síncrona (on-line, em tempo real, de forma simultânea, como videoconferência, chat, messenger, salas de bate-

papo ou reunião) e; b) assíncrona (off-line, com agendamentos prévios, mas acessados no momento em que se deseja, possibilitando assim a existência de diferentes tipos de espaço-tempo, como fórum, lista de discussão, biblioteca, email) (BARBOSA e CERNY, 2010, p. 162).

Diante do que foi apresentado, de forma exploratória, ao considerar a participação de 12 participantes, percebemos que houve pontos positivos e negativos em relação ao ERE e ao aprendizado da Libras. Questões referentes ao planejamento, acessibilidade curricular, conhecimento das tecnologias e plataformas virtuais e acesso à internet, impactaram o processo de participação e aprendizagem dos estudantes durante o ERE, nas palavras de Moraes *et al.* (2022, np.)

Os cuidados e dedicações pela docência como prática significativa é responsabilidade dos professoras/es, pois o planejamento das aulas é indispensável para obter êxito nas atividades, principalmente no período remoto, repleto de empecilhos que dificultam a acessibilidade, entre eles estão a vulnerabilidade social, a falta de conhecimentos com as tecnologias pela grande maioria dos usuários, os professoras/es que não tiveram capacitação específica para aprender a utilizar as plataformas de ensino e a falta de aparelhos eletrônicos para os discentes participarem das aulas, existiram situações que alguns deles não possuem acesso à internet com grau de utilidade esperada.

Salientamos a importância das trocas e interações sociais no processo de aprendizagem da Libras, entretanto, alguns discentes que puderam ampliar seus estudos e pesquisas, para além do currículo oferecido nas plataformas de aprendizagem virtual, obtiveram êxito. O mérito pessoal é destacado, todavia precisamos considerar todos os lados da história, afinal de contas o ERE foi uma estratégia de resposta a uma pandemia que nos impediu de conviver com outras pessoas de forma presencial e, por esse motivo, incentivou outras possibilidades e formas de interação humana, que de forma virtual, produzem conhecimento e possibilitam outras formas de aprendizagem.

## **Considerações Finais**

Este artigo teve por objetivo apresentar como se deu a formação inicial de professoras/es de Libras no período entre março de 2020 a maio de 2022, buscando verificar os impactos que o ensino remoto trouxe para essa formação. Para tal fim, buscamos apresentar um panorama sobre a formação de professoras/es e os aspectos legais, através de breves análises do Decreto nº 5.626 (BRASIL, 2005), que mobiliza essa formação.

Posteriormente, foram discutidos algumas impressões que os discentes do curso de Letras Libras da UFJF tiveram acerca do Ensino Remoto Emergencial (ERE) e de seu aprendizado da Libras. Esses pontos, de forma exploratória, sinalizam as formas como as aulas e as relações com as/os professoras/es e outros discentes impactaram no aprendizado da Libras.

Cabe ressaltar, no entanto, que o que se propôs aqui não pretende esgotar o assunto sobre os impactos que a pandemia trouxe para a formação de professoras/es. Para efeito desse trabalho, nos limitamos a discutir e compreender o processo de ensino aprendizagem da disciplina Libras I a IV do Curso de Letras Libras da UFJF, durante período do ERE. Foram evidenciados alguns desafios e possibilidades através de um questionário realizado com estudantes ouvintes do mencionado curso. Quais foram as barreiras e possibilidades enfrentadas por estudantes com surdez e/ou outras deficiências durante o ERE? Quais estratégias pedagógicas e avaliativas são/foram consideradas exitosas durante esse período? Tais perguntas merecem ser respondidas e pesquisadas em trabalhos futuros, para que possamos conhecer os impactos desse período histórico no processo formativo de docentes e identificar quais propostas e práticas pedagógicas construídas durante o ERE podem ser mantidas após o retorno à vida acadêmica presencial.

## Referências

BARBOSA, Heloiza H.; CERNY, Roseli Zen. O curso de Letras-Libras na modalidade a distância: avaliação de um percurso. *Informática na Educação: teoria e prática*, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 156-166, jan./jun. 2010.

BRASIL, **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 2002. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm) Acesso em 23 de janeiro de 2023.

\_\_\_\_\_, **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e o artigo 18 da Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm) Acesso em 23 de janeiro de 2023

DAMASCENO, Árika Y. de O.; MEDEIROS, M. E. C. de; RAMALHO, S. M. O ensino de Libras em formato remoto. E agora? – Experiências vividas no Estágio Supervisionado. *Cadernos de Estágio*, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 43–47, 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/cadernosestagio/article/view/25924>. Acesso em: 18 jun. 2023.

GONÇALVES, Franciane Braga Machado; ANDRADE, Renan de Bastos; SZMOSKI, Romeu Miqueias; MATOS, Eloiza Aparecida Silva Avila de. Utilização de Plataforma Moodle para Avaliação na Disciplina de Libras para Ouvintes no Ensino Superior: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**. v.12, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/9702> Acesso em 10 de janeiro de 2023.

LOPES, M. da S.; BEZERRA, J. E. M. Ensino de Libras como L2 para ouvintes no formato remoto: um relato de experiência durante a pandemia. *Grau Zero – Revista de Crítica Cultural*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 153–181, 2021. DOI: 10.30620/gz.v9n1.p153. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/grauzero/article/view/12415>. Acesso em: 18 jun. 2023.

MARTINS, Gabriel Pigozzo Tanus Cherp. Extensão Universitária como Possibilidade de Formação Docente: uma experiência na educação de e para surdos; **Scias Línguas de Sinais**, 1(1), 35-51, 2022. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasls/article/view/6848> Acesso em 23 de janeiro de 2023.

MORAIS, Marisa Glécia Tavares De et al.. Desafios no ensino da libras em tempos de pandemia. *Anais VIII CONEDU...* Campina Grande: Realize Editora, 2022. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/88476>>. Acesso em: 19/06/2023.

RODRIGUES, Davi; LIMA-RODRIGUES, Luzia. Formação de Professoras/es e Inclusão: como se reformam os reformadores? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Editora UFPR, n. 41, p. 41-60, jul./set. 2011.

SANTOS, Lara Ferreira dos; CAMPOS, Mariana de Lima Isaac Leandro; LACERDA, Cristina Broglia Freitas de; GOES, Alexandre Morand. Desafios Tecnológicos para o Ensino de Libras na Educação à Distância. **COMUNICAÇÕES**. Piracicaba, Ano 2, n.3, p.203 – 219, 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/2252> Acesso em: 17 de janeiro de 2023.

SANTOS, Camila; FORNECK, Kári Lúcia. Ensino de libras aulas remotas: uma reflexão sobre a docência. **Revista Contemporânea de Educação** [Online], v. 17, n. 39, mai/ago. 2022. <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v17i39.44074>. STROBEL, Karin L. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.